

## A HISTÓRIA DO CANDOMBLÉ

Brunno Ferreira Gomes\*

### INTRODUÇÃO

Introduzidas no Brasil escravagista, as religiões afro-brasileiras, a exemplo do Candomblé<sup>1</sup>, floresceram baseadas na tradição oral e na memória. E, o Candomblé, assim como todas as outras denominações de mesmo tronco, não possuía um livro-base (como no cristianismo, a Bíblia) com textos proféticos e, por isso, apoiavam-se na tradição oral, e não na escrita, para a perpetuação e para a condução de seus ensinamentos. Portanto, o Candomblé é considerado uma religião que se estabeleceu e se mantém na forma original, a oralidade, o que soma para uma maior conservação de suas peculiaridades e de suas memórias.

Os negros mantiveram a fé durante o período de escravidão e a sua cultura, além de ter sido uma maneira de aliviarem os sofrimentos a que eram submetidos.<sup>2</sup>

Tavris aponta que, sobre a conservação da memória: “Para um acontecimento ficar guardado a longo prazo, uma pessoa tem de percebê-lo, codificar e ensiná-lo, falar sobre ele, ou ele decai”<sup>3</sup>. No contexto considerado por essa autora, a religião tem raiz e características próprias, que não podem ser perdidas através dos tempos e, por isso, é primordial conservar a tradição para não se desconfigurar. A preservação dos valores é apoiada nos antepassados. Os povos de África, então, expressavam-se pela tradição oral – que era transmitida de geração para geração – por meio de histórias, mitos e lendas, não sem razão, os indivíduos mais velhos desses grupos eram muito respeitados, pois os mesmos conservavam a memória das aldeias; eram conhecidos como *griots*<sup>4</sup>, que significa “contadores de história”. Essas histórias explicavam as origens, os acontecimentos do cotidiano e os fenômenos da natureza.

A presente pesquisa tem como objetivo destacar a história do candomblé como religião afro-brasileira, que se revela na mistura do sagrado e do profano, assim como na identificação com seus ancestrais, sendo esta atuação considerada o ponto mais importante da religião do candomblé.

\* Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, e-mail: bferreirag@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> No Brasil, a escravidão teve início com a produção de açúcar, na primeira metade do século XIX. Os portugueses traziam mulheres e homens negros africanos de suas colônias na África para utilizar como mão-de-obra escrava nos engenhos de açúcar do Nordeste. Os comerciantes de escravos portugueses vendiam esses negros africanos como se fossem mercadorias aqui no Brasil no final do século XIX é que a escravidão foi mundialmente proibida. No Brasil, sua abolição se deu no dia 13 de maio de 1888, com a promulgação da Lei Áurea, feita pela Princesa Isabel.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, L. F. de; COSTA, R. C. R. da. *Sociologia para jovens do século XXI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007, p. 115-116.

<sup>3</sup> TAVRIS, Carol. Beware the incest survivor Machine. *The New York Times*. Retrieved (3 January, 1993).

<sup>4</sup> Segundo Massa Makan Diabaté, um dos *griots* mais importantes do nosso tempo: o *griot* é similar à Kora, instrumento de 21 cordas; as 7 primeiras tocam o passado, as outras 7 o presente, e as últimas 7 o futuro. Por isso, o *griot* é testemunha do passado, cantor do presente e mensageiro do futuro. Massa Makan Diabaté vem de uma família de *griots*. Seu tio Kele Monson Diabaté foi considerado um *griot* mestre e Massa Makan Diabaté disse dever muito ao seu ensino. A partir de sete anos de idade, ele começou seu treinamento para ser um *griot* interrompeu seus estudos nas escolas francesas. Ele estudou na [Guiné](#) e Paris. Ele foi matriculado no Liceu Jules Simon Vannes onde ele preparou o seu bacharel em filosofia no ano letivo de 1958-1959.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, tendo como tema a história do candomblé. A hipótese levantada leva a crer que a religião (candomblé) tem raízes e características próprias, que não podem ser perdidas através dos tempos. A pesquisa apresenta o início do candomblé apresentado por Silveira como o Candomblé da Barroquinha<sup>5</sup>. Seguindo a pesquisa, tem-se o Sagrado e o profano: amálgama de brasilidade. A liturgia do candomblé está referenciada por Bastide, Verges e Prandi.

Conclui-se a pesquisa com a confirmação da hipótese e as devidas considerações seguidas de uma bibliografia.

## INÍCIO DO CANDOMBLÉ

O Candomblé teve início em Salvador (Bahia), de acordo com as lendas contadas pelos mais velhos, algumas princesas vindas do Oyó e Ketu na condição de escravas fundaram um terreiro num engenho de canas. Posteriormente, passaram a reunir-se num local denominado Barroquinha, onde fundaram uma comunidade de jejé-Nagô, alegando a construção e manutenção da primitiva capela de confrarias de Nossa Senhora da Barroquinha, atual Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha que, segundo historiadores, efetivamente, conta com cerca de três séculos de existência.<sup>6</sup>

De acordo com Barretti Filho, Aláketu continua sendo o título do rei da atual cidade de Kétu, antigo reino Yorubá, situado na República de Benin (antigo Daomé), país que faz fronteira a Oeste com a Nigéria. Essas regiões são conhecidas por Yorubaland: terras onde habitam os Yorubá, independentemente das divisões geopolíticas e/ou sociológicas impostas às etnias africanas.<sup>7</sup>

O livro “Dos Yorubá ao Candomblé Kétu, origens, tradições e continuidade”, de Barretti Filho traz o debate sobre inovações e permanência das tradições religiosas contidas na religião afro-brasileira. Na obra, fica evidente a vitalidade das tradições e a manutenção da união às origens sem, contudo, deixar de olhar para o futuro, avaliando como a religião responde aos processos de transformação na vida moderna. O Candomblé Ketu ou Nagô<sup>8</sup>, no Brasil, não tem a mesma conotação na África, tendo em vista que, os diversos orixás não devem ter seus cultos no mesmo local. O livro se insere a renovar os laços religiosos e culturais entre o Brasil e a África, tendo em vista que a colonização do continente africano eliminou de sua elite as crenças religiosas tradicionais, mas a escravidão preservou com a mesma crença milenar no novo mundo.

De acordo com Prandi, o primeiro contato de Barretti Filho, ainda adolescente, com as religiões afro-descendentes foi com a Umbanda. Iniciou-se no Candomblé pelas mãos de Mãe Manodê, em 1974, e com ela, confirmou sua maioridade sacerdotal, em 1981, na casa da Nação Angola, em São Paulo. “A casa de Manodê, fundada em 1965 [...] iniciou [...] muitos filhos, entre os quais o Pai Aulo de Oxóssi, hoje, queto reafrikanizado”.<sup>9</sup> Em 1983, na Bahia, passou a fazer parte do Ilê Axê Opô Aganjú.<sup>10</sup>

<sup>5</sup> SILVEIRA, R. da. *Candomblé da Barroquinha*. São Paulo: Maianga, 2007, p. 97.

<sup>6</sup> SILVEIRA, R. da. *Candomblé da Barroquinha*. São Paulo: Maianga, 2007, p. 97.

<sup>7</sup> BARRETTI FILHO, A. *Yorubá ao Candomblé Kétu, origens, tradições e continuidade* (Org.). São Paulo: EDUSP, 2010, p. 08.

<sup>8</sup> A Nação Ketu ou Nagô é a maior e mais popular nação do Candomblé e a diferenças das outras nações está no idioma utilizado no caso o Yorubá, no toque dos seus atabaques, nas cores e símbolos dos Orixás, e nas cantigas; Os fundamentos são passados oralmente por sacerdotes de Orixás que são chamados de Babalorixá (masculino) Yalorixá (feminino). Os rituais mais conhecidos são: Padê, Sacrifício, Oferenda, lavar contas, Ossé, Xirê, Olubajé, Águas de Oxalá, Ipetê de Oxum, fogueira de Airá, Axexê, etc.

<sup>9</sup> PRANDI, R. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 62.

<sup>10</sup> PRANDI, R.; GONÇALVES, V. Axé São Paulo. In: *Meu sinal está no teu corpo*. Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Org.). São Paulo: EDUSP, 1989, p. 32.

## SAGRADO &amp; PROFANO: AMÁLGAMA DE BRASILIDADE

A atuação do Candomblé se revela na mistura do sagrado e do profano, como também na identificação com seus ancestrais. Essa atuação é considerada o ponto mais relevante da religião de Candomblé, nas considerações de Prandi.<sup>11</sup> Nele, cada indivíduo tem seu guia pessoal. Orixá tem seus sentimentos, desejos humanos. Existem obrigações onde o filho de santo<sup>12</sup> tem que cumprir com objetivos e agradá-lo.

Sobre coisas profanas e coisas sagradas, Oliveira e Costa ao citarem Durkheim afirmam que toda religião tem como característica separar o mundo em coisas profanas e coisas sagradas. Nas coisas profanas, os indivíduos têm atitudes utilitárias, ou seja, objetos, ideias e coisas que quando não servem mais, podem ser descartadas, pois só têm valor na medida em que são úteis. Nas coisas sagradas, ocorre o contrário: objetos, ideias e coisas assumem um valor superior aos dos indivíduos. O sagrado é objeto de adoração, é superior ao homem, é reverenciado.<sup>13</sup>

Na verdade, o Candomblé foi uma espécie de instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos e, depois, dos afro-descendentes, como resistência à escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e os mestiços; mesmo após a abolição da escravatura. Ou seja, denominação de fé de preservação do patrimônio étnico dos descendentes dos antigos escravos.<sup>14</sup>

Como religião, o Candomblé tem sua base no culto aos orixás, seres que vêm da natureza, como a Terra, o Fogo, a Água e o Ar, consideradas forças que emanam energia, não apresentando corpo material e mesmo etéreas, mantêm-se em equilíbrio. Muitas pessoas são atraídas para o universo candomblecista por tê-lo como fonte de poder mágico que segundo Bastide:

Quando o candomblé se organizou no Nordeste, no século 19, ele permitia ao iniciado a reconstrução simbólica, através do terreiro, da sua comunidade tribal africana perdida. Primeiro ele é o elo com o mundo original. Ele representava, assim, o mecanismo através do qual o negro africano e brasileiro podia distanciar-se culturalmente do mundo dominado pelo opressor branco.<sup>15</sup>

Prandi e Silva argumentam sobre as mudanças no Candomblé, onde pesquisas recentes revelam que

Mudanças no Candomblé em São Paulo que são fundamentais para entender suas próprias adaptações numa sociedade em que possíveis identidades étnicas (pressupostos no Candomblé tradicional) estão decididamente rompidas. Hoje, pelo menos em São Paulo, o Candomblé é uma religião que não pode ser caracterizada como uma religião de negros [...] Sua clientela vem de todas as classes sociais.<sup>16</sup>

Ainda nas considerações de Prandi, o Candomblé se instalou em São Paulo não mais como religião de preservação de um patrimônio dos negros, religião étnica, mas sim, como religião universal, isto é, aberta a todos, independente da cor, origem e extrato social<sup>17</sup>.

## CONCLUSÃO

<sup>11</sup> PRANDI, 1991, p. 62.

<sup>12</sup> LEITE, Fábio. *Tradições e práticas religiosas negro-africanas na região de São Paulo*. In: Culturas africanas (Documento da Reunião de Peritos sobre As sobrevivências das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina. São Luís do Maranhão, 1985). São Luís, UNESCO, 1986 - Filhos de Santos são as pessoas que “raspam o Santo”, ou melhor, raspam a cabeça para um Santo a pedido deste. Às vezes o Santo, ou Orixá, incorpora em determinadas pessoas, mas não há necessidade que haja esta “incorporação” para que uma pessoa raspe o Santo. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/pombagi.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

<sup>13</sup> DURKHEIM, É. *As Formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>14</sup> BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.

<sup>15</sup> BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1975. p. 57.

<sup>16</sup> PRANDI, R.; SILVA, V. G. Deus tribais de São Paulo. *Ciências Hoje*, n. 57, 1989, p. 34-44. Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> Cf. PRANDI, 1989, p. 19.

Os estudos realizados nesta pesquisa apontam que todas as religiões afro-brasileiras são de tradição oral. Considerado como religião, o candomblé tem como base o culto aos orixás, como seres que vêm da natureza: Terra, Fogo, Água e Ar. As pessoas são atraídas para o candomblé, considerando-o como fonte de poder mágico. A antropologia e a sociologia tratam o candomblé como manifestação da cultura negra, principalmente no Nordeste como também na Bahia.

A hipótese levantada foi confirmada no decorrer de toda a pesquisa.

O candomblé angola e o candomblé iorubano ou candomblé nagô têm como visão se instalar em São Paulo como religião universal, aberta a todos, não considerando cor, origem e posição social. O candomblé compete com outras religiões consideradas universais que são importantes em São Paulo (catolicismo, espiritismo, pentecostalismo e umbanda). Compete também com outras seitas que têm origem oriental. O candomblé é considerado atualmente uma vasta cultura, sendo vários seus preceitos. Torna-se necessário um vasto estudo para se conseguir compreender o significado de candomblé. Seus preceitos oferecem energia positiva, sendo seu culto oportunidade de paz.

Para Bastide, o Candomblé é como uma filosofia do universo. Apresenta também uma concepção sofisticada do homem e do universo. Esse autor analisa o Candomblé iorubá, e seu estudo teve grande relevância, pois foi a primeira análise feita sobre o transe e a possessão, os cânticos, danças e ritos da religião afro-brasileira<sup>18</sup>. E, apontou que: “o indivíduo não repete os gestos dos deuses, apenas no transe, na dança, extática, mas também em sua vida cotidiana em seu comportamento de todos os dias”.<sup>19</sup>

A consideração de Bastide se torna importante para os que pretendem analisar a história do candomblé como também pertencer a essa religião. Observa-se que no candomblé tem como finalidade o respeito rigoroso aos ancestrais, como também a preservação do equilíbrio da natureza. Os antepassados são homenageados, como também cultuados. Essa pesquisa tornou-se relevante para todos os que procuram conhecimento e aprofundamento sobre o tema delimitado. Será necessário sair de uma perspectiva fenomênica para uma revisão teológica que estrutura os princípios que as religiões afro-brasileiras formam.

A história do candomblé vem apresentar uma importante referência bibliográfica oferecida por Reginaldo Prandi, Roger Bastide, João Luiz Carneiro, Silveira.

## REFERÊNCIAS

BARRETTI FILHO, A. *Yorùbá ao Candomblé Kétu, origens, tradições e continuidade* (Org.). São Paulo: EDUSP, 2010.

BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.

BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira, 1975.

DURKHEIM, É. *As Formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LEITE, Fábio. *Tradições e práticas religiosas negro-africanas na região de São Paulo*. In: *Culturas africanas* (Documento da Reunião de Peritos sobre As sobrevivências das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina. São Luís do Maranhão, 1985). São Luís, UNESCO, 1986.

OLIVEIRA, L. F. de; COSTA, R. C. R. da. *Sociologia para jovens do século XXI*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2007.

PRANDI, R.; SILVA, V. G. Deus tribais de São Paulo. *Ciências Hoje*, n. 57, 1989, p. 34-44. Rio de Janeiro.

PRANDI, R. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1991.

---

<sup>18</sup> Cf. BASTIDE, 2001, p. 228.

<sup>19</sup> Cf. BASTIDE, 2001, p. 38.

PRANDI, R.; GONÇALVES, V. Axé São Paulo. In: *Meu sinal está no teu corpo*. Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Org.). São Paulo: EDUSP, 1989.

SILVEIRA, R. da. *Candomblé da Barroquinha*. São Paulo: Maianga, 2007.

TAVRIS, Carol. Beware the incest survivor Machine. *The New York Times*. Retrieved (3 January, 1993).